

REPRESENTAÇÕES DE MATERNIDADE/PATERNIDADE EM MATERIAIS DIDÁTICOS CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO A PARTIR DAS QUESTÕES DE GÊNERO

Tatiane Nascimento de Borba
Bianca Salazar Guizzo

Resumo: O presente artigo tem como principal propósito analisar as representações de maternidade e paternidade acionadas a partir de um conjunto de material didático utilizado na rede municipal de educação de Porto Alegre/RS. Este material diz respeito às Histórias em Quadrinhos (HQ), distribuídas a alunos e alunas vinculados/as aos Anos Finais do Ensino Fundamental, as quais fazem parte do Projeto Galera Curtição. As HQs constituem-se em artefatos pedagógicos potentes para interpelar e constituir identidades jovens em função das linguagens (visuais e verbais) de que se valem, ensinando aos sujeitos uma série de lições sobre como ser e como agir na contemporaneidade. Tomando como referencial teórico os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero pós-estruturalistas, as análises centraram-se na problematização dos modos como a maternidade e a paternidade são representadas. Os resultados apontaram que há a predominância de uma linguagem normativa a qual convoca, impõe e ensina o lugar a ser ocupado por mulheres e homens em decorrência da maternidade/paternidade.

Palavras-chave: Gênero, Histórias em quadrinhos, Maternidade, Paternidade.

Abstract: The main purpose of this article is to analyze the representations of maternity and paternity in the Comics Stories of the “Galera Curtição”, which has been used in the municipal education network of Porto Alegre/RS. This material relates to Comics Stories, distributed to male and female students linked to the Final Years of Elementary School. Comics Stories are powerful pedagogical artifacts to challenge and build young identities according to the languages (visual and verbal) they use, teaching subjects a series of lessons on how to be and how to act in contemporary times. Based on Cultural Studies and Post-structuralist Gender Studies as a theoretical framework, the analyzes focused on problematizing the ways in which motherhood and fatherhood are represented. The results showed that there is a predominance of a normative language which calls, imposes and teaches the place to be occupied by women and men as a result of maternity and paternity.

Keywords: Gender, Comics Stories, Maternity, Paternity.

Introdução

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Na contemporaneidade, é possível considerar que os sujeitos são constituídos a partir de uma gama de artefatos culturais aos quais têm acesso cotidianamente. Neste artigo, temos como principal objetivo analisar um artefato que tem feito parte da vida escolar de jovens da cidade de Porto Alegre/RS. Este artefato refere-se a um conjunto de seis Histórias em Quadrinhos (HQ) que fazem parte do Projeto Galera Curtição¹.

A partir do campo teórico dos Estudos Culturais, é possível considerar que as HQ acionam representações sobre o modo como os/as jovens vivenciam sua sexualidade e seu gênero, e também a forma como se relacionam com os demais sujeitos em práticas sociais, que se constituem, ao mesmo tempo, como práticas culturais. As aprendizagens que podem ocorrer a partir das leituras das HQ, realizadas pelos jovens estudantes, possibilitam o estabelecimento de processos de significação que, combinados aos demais elementos culturais por eles vivenciados, colaboram para a constituição de seus modos de ser e de se comportar.

É importante destacar que o conceito de representação do qual nos valem adquire sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados. Hall (1997) analisa o modo como a linguagem, a realidade e a representação estão relacionadas à produção de significados para esclarecer como ocorrem as construções das identidades. Deste modo, o conceito de representação pode ser compreendido como um processo no qual os membros de uma cultura utilizam a linguagem para produzir significados (HALL, 1997, p. 34). A partir desse entendimento, é possível argumentar que representar “é usar a linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa (HALL, 1997, p. 11). Os significados são construídos a partir de práticas culturais, não são tomados, na perspectiva dos Estudos Culturais, como únicos e/ou verdadeiros.

Woodward afirma que:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos sugerir que

¹ O Projeto “Galera Curtição” foi criado a partir das Diretrizes do Programa Saúde na Escola (PSE), em parceria entre as Secretarias de Saúde e Educação, e vem sendo desenvolvido desde 2012 em escolas de Porto Alegre/RS. Tem como objetivo proporcionar aos/às estudantes da rede pública estratégias e ações de atenção, promoção a saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gênero e sexualidade, identidade de gênero, bullying e diversidade sexual.

esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2011, p. 11).

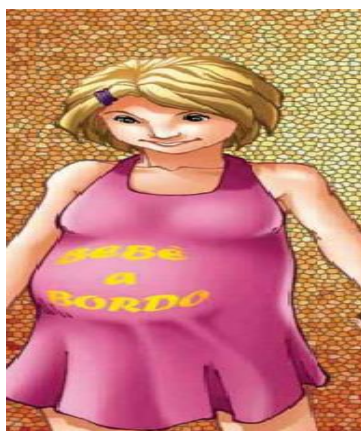
As Histórias em Quadrinhos do Projeto Galera Curtição, em análise neste artigo, fornecem um repertório de representações e significados potentes para promover a construção das identidades juvenis, e também novas formas de viver e compreender questões relacionadas a gênero e a sexualidade, dentre as quais estão incluídas as que dizem respeito à maternidade e à paternidade.

No campo dos Estudos de Gênero considera-se que as identidades de gênero e sexuais são construções históricas, sociais e culturais. Para Scott (1995), gênero é uma categoria analítica que, juntamente com raça e classe, constituem elementos que colaboram para a compreensão das desigualdades e da opressão (SCOTT, 1995, p. 73). Louro (1996, p.11) salienta que o conceito de Gênero possibilita a compreensão de que as práticas sociais auxiliam na constituição dos modos de ser homem/mulher, e que as instituições sociais generificadas, como a escola, reforçam as relações de desigualdade, naturalizando valores atribuídos a homens e mulheres. As práticas e os discursos produzidos vão construindo o normal e o anormal, para que os corpos sejam educados a experimentar o gênero e a sexualidade de forma a normalizar-se, excluindo – muitas vezes – qualquer possibilidade de diferença.

Representações de maternidade/paternidade:

Com o intuito de subsidiar a discussão, entre professores e jovens escolares, acerca da gravidez na adolescência, as Histórias em Quadrinhos (HQ) do material do Projeto Galera Curtição apresentam “Cris” uma personagem que passa pela experiência da maternidade.

Figura 1 HQ3 “p. 1”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Figura 2 HQ 3 “p. 9”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Com o intuito de potencializar o seu aspecto pedagógico, o material didático do Projeto “Galera Curtição” apresenta (para professores) uma série de explicações, recomendações e prescrições metodológicas quanto à abordagem de cada assunto. A gravidez na adolescência aparece, neste material, vinculada ao tópico: “direitos sexuais e direitos reprodutivos”, no qual está exposto que:

Uma vez reconhecendo os Direitos Sexuais e os Direitos Reprodutivos como direitos humanos, inclusive de adolescentes e jovens, cabe ao poder público o compromisso de fornecer as informações necessárias para que elas e eles possam fazer suas escolhas e conhecer seus direitos. Cabe também facilitar o

acesso de adolescentes e jovens aos serviços de saúde, ao preservativo e demais métodos contraceptivos – a anticoncepção de emergência, inclusive – e à testagem para o HIV (MINISTÉRIO DA SAÚDE, p. 53)

A partir dessa afirmação, compreendemos que, no que se refere à gravidez, o intuito do projeto é promover a anticoncepção em caráter preventivo, sob a bandeira dos “direitos sexuais e reprodutivos”. Para tanto, oferece através dos quadrinhos, a possibilidade de os/as jovens se reconhecerem nas histórias narradas, para que dessa forma, compreendam que são responsáveis por suas “escolhas”, identificando também as consequências de um possível descuido quanto ao uso do preservativo.

“A vida como ela é, as coisas como elas são...” é o título da HQ que trata sobre a maternidade/paternidade anuncia as aprendizagens que serão propostas na história: uma “vida que é como é”, determinada por questões biológicas, associadas às fatalidades, convocando os/as jovens leitores/as a tomar os devidos cuidados para não cair nas armadilhas do sexo sem camisinha, caso contrário... As “coisas são como são”! A HQ reforça uma representação em que a menina que engravidar terá de aceitar seu papel na constituição familiar, cuidar de seu bebê zelosamente. Destacamos que a HQ, aqui em análise, apresenta textos e ilustrações que indicam o que é considerado “normal” culturalmente para a vivência da sexualidade dos/das jovens estudantes. A linguagem normativa é predominante: convoca, impõe, ensina o lugar a ser ocupado por meninas e meninos.

Há uma visão idealizada em torno da experiência da maternidade, que, na prática, pode constituir um fardo para algumas mulheres. É sobre a mulher que recai o ônus integral da gravidez: a sociedade institui a maternidade como um “dom” que as mulheres têm obrigação moral de exercer de acordo com o que a medicina prescreve e a mídia reforça, reiterando a histórica posição de subordinação das mulheres em relação aos homens promovendo desigualdades entre os gêneros e visões excludentes, discriminatórias e estereotipadas da identidade feminina e do seu papel social. A seguir apresentamos cenas das HQ que corroboram com o que estamos afirmando:

Figura 3 HQ 3 “p.7”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Figura 4 HQ 3 “p.5”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Enquanto a personagem Cris precisa justificar e desculpar-se com os pais por estar grávida, Fê (o futuro pai) compromete-se a estar junto, pois “gosta muito” de Cris. A responsabilidade e a culpa pela falta de cuidado são da mulher, a quem só resta lamentar.

Figura 5 HQ 3 “p.8”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Alguns aspectos encontrados nessa análise, foram também evidenciados nos estudos de Felipe (1998) realizados a partir de livros didáticos destinados a jovens escolares, dentre os quais destacamos os que também são recorrentes nesta análise:

1) Há nos discursos uma tendência a explicar a sexualidade com argumentos biologizantes, essencialistas e universalistas (quase sempre excluída a relação de sexualidade com o prazer). Butler (2013) problematiza as questões de gênero propondo que a divisão entre sexo e gênero emerge da ideia de que sexo é biológico e que gênero é socialmente construído. Porém, para a autora, nem mesmo o sexo pode ser compreendido como natural:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto o Gênero; a rigor talvez o sexo sempre tenha sido o Gênero de tal forma que a distinção entre sexo e Gênero revela-se absolutamente nenhuma (BUTLER, 2013, p.25)

Do mesmo modo, também as masculinidades e feminilidades são construídas cultural e historicamente, e são influenciadas pelas representações que circulam sobre elas, e que ensinam modos de ser e de viver a sexualidade.

2) O corpo, especialmente o feminino, é reduzido à dimensão reprodutora, no âmbito da relação monogâmica e heterossexual, reforçando um determinado tipo de feminilidade

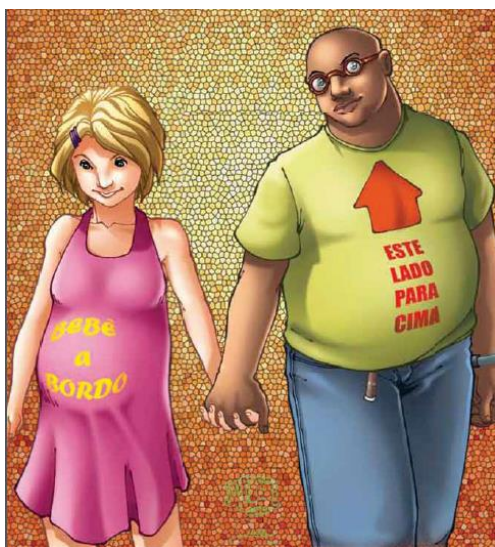
RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

que subordina a mulher em relação ao homem na constituição familiar. Sobre as práticas que instituem modos de ser/estar no mundo Louro (2003) afirma que:

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 2003, p. 41).

Na ilustração abaixo, a imagem fala por si só: a menina cabisbaixa vestida de cor de rosa, com um “texto” na barriga: “bebê a bordo”... O corpo da mulher (que abriga um filho) precisa parecer dócil e frágil, de modo que a segurança, dela e do filho, está no homem: grande, forte e com o olhar atento voltado para “sua” mulher e para o filho que está a bordo de seu ventre.

Figura 6 HQ 3 “p.1”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

3) O modelo de família frequente é o modelo patriarcal e nuclear, composto por membros definidos: pai, mãe e filhos/filhas. Tal como as famílias que são representadas no material analisado. Para Schwengber (2006) a centralidade da mulher na constituição familiar é reforçada pela glamourização da maternidade que inicia no processo da

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806
gestação, no ato de parir, aleitar, cuidar e educar os filhotes até a respectiva independência.

Figura 7 HQ 3 “p. 9”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição
Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

O discurso determinista que afirma que toda mulher deve ser uma mãe cuidadosa, é cada vez mais proferido pela ciência e divulgado pela mídia produzindo saberes que passam a ditar prescrições sobre os modos de cuidar dos corpos femininos.

Figura 8 HQ 3 “p.7”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição
Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

4) O essencialismo em relação às identidades de gênero é recorrente em situações que expressam passividade e submissão por parte do gênero feminino. O diálogo apresentado

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

no trecho que segue, de certo modo, reitera posições tidas como adequadas a uma menina/mulher, futura mãe. Cris, que é a menina que está grávida, salienta que sabe que terá muitas responsabilidades com a criança que irá nascer, afirmando “[...] que a maior barra quem segura sou eu”. Além disso, há um espanto por parte das meninas que dialogam pelo fato de o pai da criança “não ter pulado fora” do relacionamento ao saber que se tornaria pai.

Figura 9: HQ 3 “p. 7”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição
Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016.

Para ele, parece haver possibilidades de escolha, a ela, conforme se vê abaixo, a amiga deixa subentendido que ela poderia pensar num aborto, porém – no decorrer da HQ – essa possibilidade é descartada, em função de um entendimento romantizado da maternidade que o enredo procura passar.

Convém reiterar que as imagens e o diálogo expostos reforçam o pensamento dicotômico masculino x feminino a partir de uma visão reducionista, a qual naturaliza os comportamentos de homens e mulheres. Louro (1997) afirma que as relações de gênero se produzem “na e pelas relações de poder”, destacando que as identidades dos sujeitos não podem ser consideradas fixas, estáveis ou essenciais, ao contrário: “são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os quais vão construindo os

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

sujeitos como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais” (LOURO, 1997, p. 28). As relações de poder perpassam as relações de gênero, constituindo referências, e padronizações que instituem “o normal”, o qual deve ser mantido e legitimado, a fim de reforçar as relações de poder que estão em jogo.

Figura 10: HQ 6 “p. 22”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição
Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Figura 11: HQ 6 “p. 22”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição
Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Como destacamos anteriormente, as HQs ora em análise procuram, por assim dizer, enfatizar uma visão romântica da maternidade. As dificuldades decorrentes dela são citadas na figura 11: “choro, cólicas, noites sem dormir”. Entretanto, a seguir, Cris completa: “mas também trás (sic) muita alegria”. A partir disso que estamos expondo aqui, inclinamo-nos a afirmar que o material analisado procura passar uma mensagem que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas com a maternidade, ela vale a pena e traz muita felicidade, independente das circunstâncias em que ela foi iniciada. Para Schwegber (2009) as políticas de gestão da vida ou “politização de corpos grávidos funciona de modo a fixar na mulher, além da responsabilidade com a gestação, toda a responsabilidade pela vida social, envolvendo aspectos relacionados aos cuidados com a alimentação, criação e educação dos filhos/filhas:

Os corpos grávidos carregam o peso de grandes expectativas, sobretudo de gerar uma grande saúde, carimbada como perfeita, em um culto a longevidade e até a imortalidade, segundo os padrões estabelecidos pela ciência e reforçados pela mídia (SCHWEGBER, 2009, p. 16)

Tal entendimento é corroborado por trabalhos como o de Sabóia e Soares (2007) que demonstram que o aumento na participação das mulheres no mercado de trabalho não reduziu a sua jornada com os afazeres domésticos e familiares. Pelo contrário, nas faixas etárias em que a inserção das mulheres no mercado de trabalho é maior e que coincide com a presença de filhos menores, a intensidade do trabalho doméstico é ainda mais elevada.

O material em análise, conforme demonstrado nas ilustrações e nos diálogos, reitera uma cultura de desigualdade de gênero, atribuindo as responsabilidades sobre os cuidados com o bebê somente para a mulher, o que acaba por limitar a mãe apenas a atender as necessidades da criança. Ao personagem Fê, o pai da criança, cabe “dar uma força”, o que – de certa maneira – posiciona a paternidade e a maternidade em patamares de responsabilidade diferentes e, por que não dizer, desiguais.

Valemo-nos dos estudos de Simone de Beauvoir na obra *O Segundo Sexo* (1949) em que foram lançadas as matrizes teóricas do feminismo contemporâneo contestando todo determinismo biológico e/ou divino afirmando que “ser é tornar-se” para promover as reflexões necessárias a fim de subsidiar teoricamente as análises aqui realizadas.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

Alinhando-se à compreensão apresentada pela autora, as lutas feministas passaram a reivindicar deslocamentos de territórios demarcados como femininos ou masculinos, dentre os quais se situa a maternidade, da forma como está narrada nas HQ do Galera Curtição.

A partir da análise da função da maternidade no contexto do pós-guerra, em que a sociedade conservadora defendia a família, a moral e os bons costumes, Beauvoir (1949) destaca questões sobre liberdade sexual, liberação da prática da contracepção e do aborto, construindo um marco de passagem do feminismo igualitarista para o feminismo centrado na mulher como sujeito, oferecendo elementos que foram indispensáveis para a politização das questões privadas, que culminaram no feminismo contemporâneo. Dentre os debates neste processo de politização, muitas questões estavam relacionadas à maternidade, mais precisamente em refutar o determinismo biológico que reservava às mulheres um papel social de mães.

Nessa esteira, a maternidade também passa a ser considerada uma construção social, que determina o lugar das mulheres na família e na sociedade, reforçando as desigualdades nas relações entre homens e mulheres, atribuindo às mulheres a responsabilidade na reprodução biológica, bem como as demais atribuições decorrentes da reprodução desde a gestação até os cuidados necessários com os filhos. Deste modo, a criação dos filhos continua sendo uma tarefa quase que exclusivamente feminina (FORNA, 1999). As recomendações e expectativas sobre o modo como uma mulher deve se comportar para que possa ser considerada uma boa mãe começam muito antes da concepção:

Espera-se que a futura mãe se abstenha de café, chá, álcool, fumo (inclusive passivo), determinados tipos de alimentos industrializados, estresse, excesso de exercícios [...] durante, o desenvolvimento do bebê e todos os aspectos do comportamento dela são minuciosamente monitorados pelos serviços de saúde. [...] para o melhor e para o pior, hoje, as responsabilidades da mãe dobraram: a estabilidade emocional e o desenvolvimento cognitivo e psicológico dos filhos também estão a seu encargo. [...] As mães são bombardeadas com mais informações do que conseguem absorver e o conselho é sempre apresentado como o “melhor para o seu bebê”, porém envolve vários outros interesses [ou problemas] sociais, políticos e culturais (FORNA, 1999, p. 15).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Ao analisar a maternidade, é necessário também compreender a paternidade, e a forma como estas identidades se relacionam. No caso do material aqui em análise, havia entre os personagens lugares bem demarcados, ambos eram jovens estudantes, com padrões econômicos semelhantes, porém ficou claro que a menina teria que tomar conta da criança e, conseqüentemente, deixar de estudar, pelos menos temporariamente. O menino não foi cobrado por tornar-se pai tão jovem, não precisou parar de estudar, nem mesmo sua família foi mencionada nos diálogos, manifestando alguma espécie de repreensão por sua falta de cuidados. O pai apresentado na história ocupa o lugar de “suporte” moral e emocional para a mãe.

A partir da perspectiva de gênero, a maternidade pode ser concebida como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente e que resulta das complexas relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. Nesse sentido, diferentes olhares podem ser lançados sobre a maternidade. Exemplo disso, são as mulheres que eram reconhecidas como membros de movimentos sociais, e que reivindicavam direitos, como o voto (sufragistas) ou a melhoria das condições de trabalho, e que foram, muitas vezes, proibidas de conviver com os filhos. Desse modo, a maternidade servia como instrumento de coerção para as que as mulheres abandonassem as lutas feministas e se dedicassem exclusivamente ao papel que lhes era socialmente destinado.

De outro modo, reforçado pelo viés religioso, biológico, psicológico e pedagógico a reprodução é representada ao longo da história como o símbolo de um ideal de realização feminina, a partir do qual as mulheres alcançam a plenitude de sua contribuição para a perpetuação da espécie humana. Além disso, vale lembrar que a maternidade também pode ser pensada como uma escolha que determinadas mulheres tomam, levando em conta motivos diferentes e particulares, independentemente de seu estado civil, ou constituição familiar, incluindo a maternidade em seus projetos de vida.

A maternidade como uma possibilidade de realização feminina, encontrada nas HQ, constitui um jogo discursivo que Meyer (2004) denomina “politização contemporânea do feminino e da maternidade”. A partir dos estudos de Marilyn Yalom (1997), Meyer aponta três movimentos sociais que descrevem a condição de emergência dos sentidos atribuídos a “politização do seio feminino”, os quais não coincidem no tempo: a urbanização; a instauração e o fortalecimento do sistema capitalista de produção e a consolidação dos

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

estados nacionais, o qual incorporou e posicionou a mulher como mãe, no centro das políticas de gestão da vida (MEYER, 2004, p. 148).

A maternidade regulada e instaurada pelas “políticas da vida” é um processo nomeado por Foucault (1993, p. 135) como “biopolítica”, referindo-se ao conjunto de tecnologias de poder/saber que investem sobre o corpo, sobre a saúde e sobre as diferentes maneiras de existir. A fim de regular os hábitos da população e promover políticas públicas de preservação da vida o Estado organiza estratégias para controlar fenômenos sociais específicos, dentre os quais encontra-se a natalidade. Conforme Santos (2009) a fim de gerir a população:

A biopolítica utilizar-se-á dos saberes produzidos pela estatística e pela demografia, assim como da medicina para higienizar e medicalizar a população, para ampliar a expectativa de vida e aumentar as forças dos corpos, tornando-os mais saudáveis, mais úteis e mais organizados (SANTOS, 2009, p. 58).

A legitimação da medicina como autoridade sobre a gestão da vida e da saúde da população instaura como efeito social a “puericultura” uma subespecialidade da medicina destinada ao cuidado com a saúde dos bebês desde a gestação até os primeiros meses de vida (SANTOS, 2009, p. 59), a partir da qual inúmeras prescrições acerca dos cuidados com a gestação e com o bebê são transmitidas as mulheres, principalmente no que se refere às questões sanitárias. O fracasso em qualquer um dos aspectos mencionados faz pesar sobre a mãe a culpa sobre as consequências de não ter seguido à risca as orientações médicas. Para Klein (2010) não somente a maternidade tem sido significada, instituída e regulada pelo Estado, mas também a paternidade, até mesmo quando é pouco visibilizada, uma vez que recai sobre a mulher uma responsabilidade maior, que vai desde a prevenção da gravidez até os cuidados com os filhos. A autora ainda destaca que:

Desde a gravidez, a mulher é posicionada, em diversos artefatos culturais, como o sujeito que gere e despence cuidados e carinho e, crescentemente, também, como aquela que provê as condições necessárias para que o cuidado aconteça. Assim, essas mulheres-mães são ensinadas por muitas instâncias, e constantemente, a responsabilizar-se pelos/as seus/suas filhos/as (KLEIN, 2010, p. 446).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

No trecho a seguir, é possível perceber que após compreenderem que a gravidez de Cris, mesmo que de forma não planejada, promove o início de uma “nova família” o jovem casal se posiciona de acordo com as expectativas sociais esperadas:

Figura 11 HQ 3 “p. 11”



Fonte: Site do Projeto Galera Curtição.

Disponível em: <http://www.galeracurticao.com.br/>. Acesso em 04 de abril de 2016

Enquanto o futuro pai estabelece os vínculos sociais para sua nova família “levando” sua futura esposa ao posto de saúde, a mãe dá início a um longo processo de medicalização da gestação, comprometendo-se em adequar sua conduta social, física, e emocional, de acordo com as prescrições médicas e expectativas sociais nela depositadas. A maternidade começa antes mesmo do nascimento da criança. Durante a gravidez o corpo da mãe se torna abrigo para o filho e foco de vigilância do serviço de saúde. Vários campos como a medicina e a escola educam e regulam os corpos para que, de certo modo, sejam úteis e produtivos. Desse modo, as meninas são treinadas, dentro e fora da escola, desde crianças, a serem boas mães, a cuidarem de suas bonecas. Assim como, são convencidas, pelas histórias que lhes são contadas, de que precisarão de uma outra pessoa (preferencialmente do sexo oposto) para que sejam completas e felizes.

É comum a mídia apresentar diferentes estratégias para sugerir determinadas condutas maternas, geralmente vinculadas a grandes marcas de produtos para recém-nascidos, a maternidade é considerada o apogeu da existência feminina.

No mesmo sentido Felipe (2007, p. 8) afirma que:

Os discursos que idealizam e glorificam a mulher-mãe, têm dificultado a discussão mais corajosa de entendermos a maternidade também como aprisionamento [...] a suposta completude das mulheres através da

maternidade tem sido construída historicamente, colocando-as como acima de qualquer suspeita, reforçando assim as concepções de que determinados comportamentos sexuais só podem ser praticados apenas por homens, em suas sexualidades “desenfreadas” e “animalescas”. Tais conceitos se conectam, portanto, às concepções e expectativas presentes em torno do exercício das masculinidades e feminilidades.

Desse modo, convém questionar narrativas que glamourizam a maternidade e colocam a mulher em situação de sujeição, com relação aos homens, aos discursos médicos, ou midiáticos que estabelecem padrões de conduta a serem seguidos pelas mulheres. Cabe salientar, no que se refere à prevenção da gravidez, que a responsabilidade sobre a negociação do uso da camisinha recai sobre as meninas uma vez que a elas cabe a tarefa de “cuidar de si”, já aos meninos é socialmente aceito e autorizado que tenham inúmeras parceiras sexuais. Caberia então às meninas ter presente que os meninos podem transar livremente e a partir deste entendimento e reivindicar junto aos parceiros o uso da camisinha, além do uso adequado das pílulas anticoncepcionais.

Considerações finais

As histórias em quadrinhos analisadas nesta pesquisa, acabam por construir, a partir do que consta em seus enredos e imagens, uma identidade bem demarcada: *a jovem heterossexual prevenida*.

A naturalização da identidade sexual prevalece, e atravessa as histórias, principalmente no que se refere às identidades de gênero. Embora o objetivo das HQs seja promover os “direitos reprodutivos”, a partir da demonstração das consequências de uma gravidez indesejada, acaba por vincular os personagens a papéis que se apresentam visivelmente generificados. Conforme Louro (1997) a desnaturalização dessas representações não é uma tarefa trivial. Para que ocorra, é necessário pensar na forma como as identidades dos sujeitos se constituem socialmente a partir do que é estabelecido pela norma, para então questioná-la, discuti-la e não a reforçar a partir de discursos binários acerca de gênero e sexualidade.

Os elementos pedagogizantes, contidos na HQ, educam e governam não apenas a personagem grávida, mas todas/todos os/as leitores/as da história, convocando as mulheres para a maternidade e dispensando o homem do “trabalho duro” que é ter um filho que chora a noite inteira, sem que a mãe possa dormir. A HQ acaba vinculando-se a

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

um tom moralizante, uma vez que procura disseminar a ideia de que usar camisinha é importante, pois em caso de não utilização em um relacionamento sexual, há a possibilidade de uma gravidez precoce. O que, possivelmente, acarretará em casamento e, conseqüentemente, em cuidados com a gestação e com os filhos, afinal de contas: “as coisas são como são...”

Referências Bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1949.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 111-124.

_____. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula *et al.* (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre, **Educação e Realidade**, v. 22, n.2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

KLEIN, Carin. **Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma “infância melhor”**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta; MEYER, Dagmar; WALDOW, Vera (Orgs.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

_____. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2004, p.9-27.

SABOIA, Ana Lúcia e SOARES, Cristiane. **Tempo, Trabalho e Afazeres Domésticos: um Estudo com Base nos Dados Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCHWENGBER, Maria Simone. **Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Claudia Amaral dos. **Toda boa mãe deve... Governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais**. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Recebido:20/11/2019.

Aceito:20/5/2020.

Sobre autores e contato:

Tatiane Nascimento de Borba - Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Luterana do Brasil- ULBRA. Professora da rede de ensino do município de Novo Hamburgo/RS

E-mail: eh.tatiane@hotmail.com

Bianca Salazar Guizzo

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Pós Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Bolonha/Itália. Professora e pesquisadora na ULBRA.

E-mail: bguizzo_1@hotmail.com